

Cadernos Espinosanos



ESPECIAL MARILENA CHAUI

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 36 jan-jun 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM foto dos livros de Marilena Chaui por Henrique Piccinato Xavier

O PENSAMENTO LÚCIDO CONTRA A
EXCITAÇÃO MUDIÁTICA: OS SIMULACROS DO
PODER PASSIONAL NAS ANÁLISES DO PRESENTE

Fran Alavina¹

Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

alavina@usp.br

RESUMO: O artigo visa homenagear a pensadora Marilena Chaui apontando sua especificidade de tratamento em relação às manifestações de junho de 2013 no Brasil. Por um lado, dialogando com seu artigo “*Simulacro e poder: uma análise da mídia*”, por outro lado, alargando a concepção de *ideologia da competência*. Neste último aspecto trata-se de pensar a figura do *intelectual homologado* como sendo aquele que, mesmo não ocupando lugar central no circuito midiático, torna-se uma das caricaturas mais palpáveis da redução do pensamento crítico às artificialidades de um afeto estranhado e inautêntico.

PALAVRAS-CHAVE: política, simulacro, excitação, afetividade, intelectual, Chaui.

1 Bolsista FAPESP.

No tumultuado junho de 2013, muitas eram as vozes que ao tomarem parte nos atos, também tentavam entender as *ruas*. Isto é, tornar compreensível os sentidos e o alcance político daquilo que posteriormente se denominou de *jornadas de junho*. Entre essas vozes, uma, embora não se apresentasse completamente contrária, pois não era disso que se tratava, fazia-se escutar: *grave, militante e destoante*. Tal era a voz de Marilena Chaui, que, mais uma vez, se vazia ouvir (para usarmos os termos de Foucault) no registro de quem nunca se furta à história do presente, tecendo com os fios da *fala* e da *ação pública* a *ontologia histórica de nós mesmos* (cf. FOUCAULT, 2008). Como sabemos, esta tessitura histórica é elemento constituinte do papel do intelectual no sentido forte do termo, como sendo aquele que deve realizar a crítica do presente sem cair em uma referencialidade ínvia, sem se deixar seduzir por um modo de saber que pretende dizer sobre o mundo supondo estar fora e acima dele.

Na atualidade, esta *ontologia histórica de nós mesmos* exige um fino e acurado movimento, pois, como nos mostra Marilena, em seu texto “*Intelectual Engajado: uma figura em extinção?*”, o *intelectual* tem perdido espaço para a figura do *ideólogo*, do *especialista competente*: “cujo suposto saber lhe confere o poder para, em todas as esferas da vida social, dizer aos demais o que devem pensar, sentir, fazer e esperar. A crítica ao existente é silenciada pela proliferação ideológica dos receituários para bem viver” (cf. CHAUI, 2006, p. 30).

Ora, exemplos desta constatação não nos faltam. São os midiáticos “homens e mulheres do saber” sobre os quais podemos utilizar a denominação paradoxal do *intelectual homologado*. Tal figura, que entendendo a conceituação do *ideólogo* apresentada por Marilena Chaui,

nos aparece como imagem em forma de caricatura no bojo do fluxo contínuo da atual confusão babélica informacional. Paradoxal, uma vez que homologados, estão fora do registro de caracterização de intelectual. Neste caso, a palavra *intelectual* é apenas um termo genérico, que diz mais sobre a formação do que sobre a atuação do homologado: aquele que no uso da fala pública da autoridade teórica toma parte no *show midiático* apresentando-se como simulacro da opinião abalizada.

Simulacro de saber, simulacro de intelectual. Sendo parte constituinte do *show midiático*, ocorre, pela adequação a uma forma alheia à autodeterminação dos saberes, uma dissolução do *saber* em *não saber*. Não se trata mais de certo conhecedor que fala ao “homem comum”, posto que os leitores, ouvintes, telespectadores e internautas não se identificam mais como “homem comum”, isto é, como público sem a posse do conhecimento do especialista. Inserido no âmbito *midiático-informacional*, o novo público acredita possuir as mesmas qualidades do especialista, e simplesmente por escutá-lo, considera-se tão informado quanto ele. Assim, a simples repetição da informação do especialista também o torna possuidor da opinião abalizada. O simulacro de saber, pois, nada mais é que informação, duplica-se em outro simulacro: o *simulacro do público bem informado*. Simulacro de simulacro, fantasmagoria de fantasmagoria.

Nos termos de Marilena Chauí, ocorre a própria “destruição da esfera da opinião pública” (CHAUI, 2014, p. 123). Esta passa a existir também como simulacro. Aqui, pensando junto com Marilena, ampliando sua conceituação de uma das facetas da *ideologia da competência*, observa-se que ao mesmo tempo em que se cria uma cisão na qual se “determina de antemão quem tem o direito de falar e quem deve ouvir” (CHAUI, 2014, p. 87), ou seja, entre os “que podem falar e têm o direito de man-

dar e comandar, e os desprovidos de saber, que devem ouvir e obedecer” (CHAUI, 2014, p. 87), também tende-se a turvar essa mesma cisão como uma característica própria da ideologia.

Em outras palavras, a ocultação da cisão é um mecanismo de poder quase invisível. Tal como no ato de ver: ao enxergamos não vemos nossos olhos, exceto na frente do espelho. Trata-se de um mecanismo de poder de ampla penetração, em uma operação difusa de *liquefação social*. Se *tudo que era sólido se desmancha no ar*, antes se liquidifica. Desse modo, se mudou o estatuto daquele que fala (na passagem do *intelectual* ao *especialista competente*), também mudou o estatuto daquele público que outrora formava o auditório amplo para o qual a fala pública do intelectual se dava. Esta liquefação social, dos mecanismos de poder da *ideologia da competência*, a torna mais sutil, por conseguinte, com maior capacidade de penetração. Isto ocorrendo principalmente com a expansão dos meios virtuais e suas *redes sociais*.

Neste âmbito, o do virtual, a *ideologia da competência* apresentar-se-á sutilmente também por meio de um simulacro, segundo o qual os usuários da *rede*, isto é, o público não é mais apenas espectador, um ouvinte tão receptor quanto um aparelho de *TV*, mas sim um partícipe do processo informacional. Agora, todos podem “fazer a notícia”, difundindo e ampliando o processo informacional. Tornando-se, segundo a *ideologia do virtual*, “não apenas orgulhosos protagonistas, mas também os principais produtores de conteúdo” (SIBILIA, 2016, p. 23). Tal participação, todavia, não é gerida a partir do conteúdo, mas da forma. Na esmagadora maioria dos casos, não se trata tanto do que é dito, porém, do como se diz. Este modo do dizer e forma da representação são justamente aqueles aspectos mais determinantes que o simulacro midiático, e atualmente virtual, nos impõe. Ora, mas se agora, pelo menos em

tese, todos podem “fazer a notícia” e criar a informação: qual notícia (e quem) se destacará?

A diferença se dará pelo *nível de excitação gerado*. Aparecerá mais, será mais visto, se tornará “viral”, aquilo ou aquele que excitar mais a partir da forma dada antecipadamente (cf. TÜRCKE, 2010). Uma excitação predadora, pois todos concorrem contra todos; e pobremente mimética, uma vez que se imita uma forma estranhada dada por antecipação. Tudo nos aparece então como *remakes* (cf. CALABRESE, 1998), como um sem fim estendido de repetições que excitam justamente por se repetirem. Os próprios acontecimentos políticos são narrados e encadeados desse modo, como se fossem *remakes*. Este último aspecto se exemplifica em movimentos políticos como o *occupy wall street* estadunidense e o *junho de 2013* brasileiro, pois eles surgem em algumas narrativas, particularmente as midiáticas, na forma de *remakes* da propalada *primavera árabe*.

Desse modo, pelo caráter da excitação, o campo decisivo passa a ser agora o âmbito *afetivo-sensível-passional*. Uma excitação que é também envolvida por uma *lógica de sedução*. Mas se antes a *lógica da sedução* operava com um mostrar-se escondendo, agora se trata de tudo mostrar: uma mania, quase patológica, por uma transparência absoluta, na qual o ver tornou-se sinônimo de ser visto em toda a inteireza da vida privada.

A intimidade como espetáculo e a *gestão de si como uma marca* (SIBILIA, 2016, p. 23). Nesse caso, a excitação de si só opera pela excitação do outro. É um mecanismo de poder sutil sobre o qual os indivíduos tendem a não possuir nenhum controle. Trata-se de *sentir a si mesmo* conforme uma imposição alheia e arbitraria. Com efeito, isto não é o próprio registro de operação do *poder teológico-político*? É Espinosa quem nos alerta:

[...] não é, efetivamente, a razão da obediência, mas sim a obediência que faz o súdito [...]. A mesma conclusão decorre, com toda clareza, do fato de a obediência não ser tanto uma ação exterior como uma ação interior da vontade. Por conseguinte, o maior poder é o daquele que reina sobre os ânimos [...] (ESPINOSA, 2008, p. 251-252).

Dessa maneira, se antes nos era imposto o que pensar, e nos ordenavam como agir, agora nos dão prontamente “o como” e “com o que” devemos sentir: nos impondo uma forma estranhada da sensibilidade. Ocorre, assim, a passagem da *inteligência artificial* para o *afeto artificial*, da então celebrada *inteligência coletiva* para a *afetividade homologada*. Um tipo de excitação descorporificada, que faz do corpo um impedimento da própria satisfação, um entrave, quando muito um borrão, um rabisco a ser corrigido (cf. LE BRETON, 2012).

Surgem, contudo, ocasiões em que este tipo de excitação da *passionalidade virtual-midiática* encontra seus limites, pois, convenhamos, não é fácil excitar conciliando novidade e repetição. Estas ocasiões se dão quando o real é contado apenas na forma e com os recursos da imaginação. Preponderando o caráter *espetacular* e *imagético*, donde os limites entre o real e o seu simulacro são mais fortemente desfeitos. Não se trata, porém, do *real* em sua generalidade mais abstrata, do *real* como pura presença e imediaticidade, mas do *real* em sua instância política. Neste caso, há um tipo de excitação singular, pois o âmbito político traz em si uma carga passional comparável apenas à esfera lúdica e artística. Tal se deu com as manifestações de junho de 2013, não em seus começos, isto é, quando a pauta era uma questão clara e concreta: *o aumento das tarifas do transporte público*. Mas, naquilo em que as *jornadas de junho* se transformaram.

Conforme as manifestações foram cooptadas pelo aparelho midiático, e tinham como motor os meios virtuais que prontamente assumiram características de sujeito político, o estado de excitação tornou-se difuso. A *rua* transformou-se no palco de uma catarse cujo objeto era o político. Este último passou das determinações imediatas das tarifas do transporte para uma generalidade sem escopo definido. Tudo isto sob a égide de uma excitação que buscava romper, segundo se afirmou e ainda se afirma, com o antigo modo de ocupar politicamente as ruas. Assim, pela primeira vez em nossa história recente, os *simulacros do poder midiático* e os *simulacros do poder virtual* se uniram formando uma cadeia de simulacros que permanecem até hoje: com o golpe em curso e com a tentativa de anular o pensamento crítico.

Por isso, enquanto em grande parte das análises abalizadas se misturavam a *boa surpresa* e a *positividade* com algo que parecia surgir de modo “novo” e “espontaneamente”, Marilena Chaui, em suas falas públicas, mesas redondas na universidade, entrevistas em meios alternativos de imprensa, destoava, quase que solitariamente, destas análises. Ela alertava sobre os riscos de se compreender as manifestações de um modo homogêneo e simplista, pois se trataria de atentar apenas para o seu caráter aparente e mais imediato. Em outros termos, se deixando levar pela excitação midiática, uma vez que era o aparelho midiático que tornava homogênea e simplificava as manifestações por meio de imagens diretas e espetaculares.² Neste sentido, orientando-se pela excitação midiática, ocorria o que poderíamos denominar de *curto-circuito do pensamento crítico*: que uma vez excitado, não poderia ser crítico, posto que homologado.

2 Sobre o modo como o poder mediático se apoderou da narrativa das manifestações de junho de 2013 veja-se: SOUZA, 2016.

Nesse sentido, Marilena Chaui era a voz do *pensamento lúcido* em oposição ao *pensamento da excitação midiática*. Uma voz da lucidez que desnudava aquilo que em sua aparência apresentava-se como positividade, mas, em verdade, escondia uma negação da política à medida que criminalizava, por princípio, os agentes políticos e a representação partidária. Ademais, embebida de uma passionalidade amorfa que passou a se dirigir contra um ente abstrato, a corrupção em seu sentido mais genérico, portanto sem apresentar mediações e ações concretas para eradicá-la enquanto chaga institucional, a multidão se aproximou cada vez mais da *massa fascistóide* que da *massa revolucionária*. Com efeito, deve causar estranhamento que um mesmo ato político seja apropriado tanto pela “esquerda mais à esquerda”, quanto por um político do extinto PFL. São aspectos que a excitação midiática não permitia desnudar, posto que ocultava tais elementos sob o signo da participação e da revolta espontânea.

A tarefa do *pensamento lúcido*, precavido contra a excitação midiática, permanece no trabalho de compreensão que não se esgota com o fim dos eventos, conforme demonstra um dos textos mais recentes de Marilena Chaui, refiro-me ao artigo “*A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo*” publicado na obra coletiva *Por que Gritamos Golpe?*, de meados de 2016.

À GUIA DE CONCLUSÃO:

PENSAMENTO LÚCIDO, ALEGRIA DO PENSAMENTO VIVO

Buscou-se, neste trabalho, tecer a homenagem em um duplo aspecto. Por um lado, demonstrando a diferença de tratamento que Ma-

rilena Chaui deu às manifestações de *junho de 2013*, explicitando suas fissuras e limitações, apontando seus riscos, que infelizmente tendem a se consolidar. Por outro lado, a singularidade do tratamento de Marilena nos levou a pensar não apenas sobre as especificidades de sua abordagem, mas também propiciou que a tessitura da homenagem se fizesse com dois fios, pois fomos conduzidos a pensar não apenas sobre sua obra e atuação política, mas a pensar com ela. Este aspecto talvez seja o que mais propriamente se preste à homenagem, posto que não toma o homenageado como um ser distante e a quem se presta deferência respeitosa, porém como alguém que caminha conosco nas longas, e muitas vezes tortuosas, vias do pensamento.

Assim, a homenageada não é um ser isolado e abstrato. Porém, pensando conosco, é um de nós. Próximo, em movimento vivo. Tão vivaz que nos mobiliza e anima na tarefa incessante do pensar filosófico. Todavia, não do pensar como exercício solitário. Cumpre-se, então, aquele princípio espinosano, apresentando no *Tratado da Emenda do Intelecto* e corporificado na *Ética*. Princípio do verdadeiro filosofar que rechaça toda forma egoísta de saber. Trata-se daquele ou daquela que encontrando *o bem verdadeiro* comunica-o aos outros homens e mulheres para que possam gozar dele conjuntamente. Ademais, pelo caráter afetivo do saber, não apenas pensamos juntos, mas também sentimos juntos. Uma alegria de saber com os outros, e não o intelectualismo narcísico de saber sem os outros e mais que os outros. Desse modo, o princípio espinosano alcança sua potência política mais forte. O que é isto, senão a contestação viva da *ideologia da competência*, da oposição à cisão feita mecanismo de poder autoritário que divide *sabedores mandões e ignorantes obedientes*? Pensamento vivo não é apenas aquele de quem ainda se fala, porém mais propriamente aquele que se pode fazer nosso, sem, contudo,

perder a potência de sua singularidade. Não é pouca coisa tornar-se capaz de compartilhar uma mesma compreensão e um mesmo sentimento de mundo. Quem assim o faz não é uma simples homenageada, mas nossa companheira de jornada na “luta sem fim por liberdade e justiça”. Por isso, não nos resta senão dizer: muito obrigado, Marilena!

THE LUCID THOUGHT AGAINST THE MEDIA EXCITEMENT: THE SIMULACRA OF PASSIONATE POWER IN THE ANALYSES OF THE PRESENT

ABSTRACT: The paper aims to honor the thinker Marilena Chaui, pointing out the specificity that characterizes her treatment of the demonstrations in June 2013 in Brazil. On the one hand, we engage in a dialogue with her article “*Simulacro e poder: uma análise da mídia*”, on the other hand, we enlarge the conception of *ideology of competence*. In this last matter, the figure of the *homologated intellectual* is thought as one that, even not occupying a central place in the media circuit, he/she turns into one of the most palpable caricatures of the reduction of the critical thought to the artificialities of a strange and inauthentic affection.

KEYWORDS: politics, simulacrum, excitement, affection, intellectual, Chaui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALABRESE, O. (1988), *A Idade Neobarroca*. Trad. Carmem de Carvalho e Artur Morão. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

CHAU, M. (2014), *A Ideologia da Competência. Escritos de Marilena Chaui*, Vol. 3. Org. André Rocha. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica e Editora Perseu Abramo.

_____. (2014), *Manifestações do Autoritarismo Brasileiro. Escritos de Marilena Chaui*, Vol. 2. Org. André Rocha. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica e Editora Perseu Abramo.

FOUCAULT, M. (2008), *Arqueologia das Ciências Humanas e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e Escritos II. Trad. Elisa Monteiro. Rio de

Janeiro: Forense.

LE BRETON, D. (2012), *Antropologia do Corpo e Modernidade*. Trad. Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Vozes.

SOUZA, J. (2016), *A Radiografia do Golpe*. Rio de Janeiro: LeYa.

SIBILIA, P. (2016), *O Show do Eu*. Rio de Janeiro: Contraponto.

TÜRCKE, C. (2010), *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Trad. Antonio A. Z. Zuin, Fábio A. Durão, Francisco C. Fontanella, Mario Frungillo. Campinas: Editora Unicamp.